

As marcas da violência como constituintes do sujeito em “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei, e “Young Mungo”, de Douglas Stuart

Jorge Alves Pinto¹

INTRODUÇÃO

O que é a coisa morta que fica nos vivos? Iniciamos nossa reflexão a partir dessa pergunta para elucidar o fato de que, enquanto sujeitos, somos afetados de diversos modos, especialmente pela ação da violência. Independentemente da forma que assume, ela pode ser danosa e marcar de permanentemente suas vítimas. Além disso, lidar com impulsos agressivos direcionados a outrem ou a si próprio faz parte do cotidiano de todo ser humano, posto que a violência é própria do humano.

O presente trabalho é um delineamento geral de nossa pesquisa de mestrado², que está em andamento, cujo foco recai sobre as motivações e sensibilidades relacionadas à violência de gênero que atinge os protagonistas de duas obras literárias: *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei, e *Young Mungo*, de Douglas Stuart. Os protagonistas de ambas as narrativas sofrem um episódio de estupro, além de outros abusos, que lemos à luz da violência de gênero (Saffioti, 2001).

Em *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*, Saffioti (2001, p. 15) atesta que “Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos”. A autora discorre sobre o assunto argumentando que as expressões de violência motivadas pelas relações entre os gêneros ocorrem no âmbito disciplinar, ou seja, normalmente, à categoria homem é dado o poder de punir tudo aquilo que se desvia de determinada norma. Embora o conceito de violência de gênero tenha sido pensado para categorizar as formas de violência as quais mulheres são submetidas pela falocracia (Gomes, 2014), homens também podem ser vítimas de atos violentos em virtude das relações de gênero.

Mesmo os homens, quando, por qualquer razão, fogem ao *script* de determinado contexto sociocultural e não obedecem a um ideal de masculinidade, estão sujeitos a sofrerem

¹ Graduado em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (2020). Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB).

² Pesquisa orientada pelo Prof Dr Antônio de Pádua Dias da Silva (PPGLI/UEPB).

reprimendas de seus pares masculinos. A construção das masculinidades costuma acontecer por meio da homossociabilidade (Sedgwick, 1985), isto é, por meio das relações estabelecidas entre os homens, seja em contexto escolar, familiar, profissional, dentre outros. Desse modo, os pares masculinos vigiam-se entre si e influenciam o comportamento da categoria social homem.

Os dois romances aqui em apreço lidam diretamente com questões de gênero e violência, seja no estupro da personagem feminina de Aline Bei, ou no estupro do personagem *gay* de Douglas Stuart. Nosso objetivo é apresentar como se dão esses episódios de violência e suas motivações, de modo a compreendermos como a violência sofrida se torna um traço constituinte desses sujeitos violados. Para isso, este texto divide-se em mais três partes: na seção seguinte, nos debruçamos sobre *O peso do pássaro morto* e a regulação do corpo pelo estupro; na seção posterior, discutimos a violência e a masculinidade hegemônica em *Young Mungo*; na terceira seção, apresentamos algumas considerações sobre a sujeição desses personagens e as reações à violência sofrida.

O PESO DO PÁSSARO MORTO E A DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

Publicado em 2017, *O peso do pássaro morto* é o romance de estreia de Aline Bei e vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura. Com uma prosa poética, Bei construiu um estilo particular de escrita e criação estética, materializando sentimentos e dilemas por meio de metáforas e alegorias. O romance em questão possui o seguinte enredo:

O peso do pássaro morto narra a história de uma jovem anônima dos oito aos cinquenta e dois anos de idade, momento em que falece. Aos dezessete anos, a jovem protagonista é estuprada pelo seu namorado Pedro. Isso acontece depois que ele vê uma foto dela em um show de rock beijando uma amiga e um desconhecido. Do estupro, gera-se o filho Lucas, por quem não consegue nutrir afeto desde a infância até sua vida adulta. A criança também parece corresponder a essa dificuldade de demonstração de afeto por parte da mãe, de maneira que, em determinados momentos, Lucas se mostra distante. Quando cresce, vai estudar em outra cidade e, posteriormente, namora uma menina com quem se casa e tem um filho, depois passam a morar fora do Brasil. A narradora protagonista vive sua meia idade na companhia de um cachorro, Vento, o qual morre atropelado certa manhã.

Após a morte de Vento, a personagem começa a morrer também, pois perde a vontade de comer, tomar banho etc. Sua morte é efeito do estupro e da culpa pela incapacidade da

maternagem, uma vez que ao enxergar Lucas, via em seu lugar a imagem do homem que a estuprou. Tudo isso contribui para uma vida cujos desejos são abafados, não há vontade de viver; pelo contrário, há um adoecimento contínuo pela não superação do acontecido, de modo que sua construção subjetiva após a violência a faz definhando. Morre assim, implodida, esquecida e solitária.

Nos interessa aqui apresentar o momento em que a protagonista sofre a violência do estupro. Como mencionamos anteriormente, Pedro vê fotos do show no qual sua namorada esteve e, quando os colegas da escola veem, nas fotos, que ela estava beijando outras pessoas, Pedro começa a ser chamado de corno. Ser ridicularizado desse modo o afeta consideravelmente, pois, é válido destacar que, enquanto homem em uma sociedade machista, há uma imagem a ser mantida e preservada. Embora o adjetivo ‘corno’ tenha um caráter cômico, para Pedro, torna-se uma motivação a mais para o ato hediondo que perpetra contra a protagonista.

De acordo com Araújo (2016, p. 129) “A violência masculina sobre a mulher, no caso da infidelidade, é outra forma de praticar a defesa da honra, na qual esse ato pode ser considerado como heroísmo”. Compreendemos que uma contraposição ou resposta à traição manifesta-se em um ato de defesa da honra ferida. Dentre outros aspectos, o exemplo de Pedro demonstra como a construção da masculinidade está erigida sobre pilares frágeis, que podem ser abalados a qualquer momento. Deste modo, para o adjetivo “corno” está o adjetivo “puta” como ambivalência. É assim que Pedro xinga a protagonista:

e ele fugindo de mim com o punho
cerrado, a boca
molhada enchendo os corredores
com as letras
P
U
T
A
o que aos poucos foi me deixando
realmente
Put. (Bei, 2017, p. 52)

O trecho citado evidencia duas questões que merecem atenção: primeiro, a palavra “puta” centralizada em caixa alta na disposição da página, o que aponta para não apenas um simples xingamento, mas para uma avaliação da índole do sujeito feminino. Valeska Zanello, em *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*, afirma que os homens sempre ocuparam o posto de avaliadores do corpo e conduta femininos. Para a autora, “[...] quem avaliava (e, como vimos, até hoje avalia) as mulheres (em sérias ou putas, bonitas

ou feias) bem como as colocavam (e as colocam) em uma hierarquia de valores diferenciados, eram (são) os homens. E o acesso ao corpo feminino era um dos critérios dessa classificação” (Zanella, 2018, p. 192-193). Nesse sentido, os homens sempre puderam se posicionar da forma que bem entendessem acerca das mulheres, avaliando-as.

O segundo ponto a ser destacado no trecho citado do romance diz respeito à atitude gestual de Pedro e como ele deixa entrever sinais claros de agressividade explícitos ao serem mencionados os punhos cerrados. A postura do personagem nos permite afirmar que, a qualquer momento, ele seria capaz de desferir algum golpe contra a protagonista, parecendo controlar-se para não o fazer. No entanto, destacamos que tais gestos, bem como o xingamento direcionado a ela, se enquadram como violência de gênero, pois a integridade física e, nesse momento, moral, da vítima é posta em risco. Tudo isso é levado a extremos quando, em uma noite de sexta-feira, seus pais a convidam para comer fora e ela declina, preferindo ficar em casa. Nessa noite, Pedro vai até sua casa e, encontrando-a sozinha, age agressivamente contra ela, ameaçando-a e estuprando-a:

desci as escadas correndo num quase tropeço.
quando abri a porta
o Pedro
tinha 1 Faca
que colou no meu pescoço.
meu grito morreu no estômago
junto com o chute que ele me deu. (Bei, 2017, p. 58)

Não vamos analisar aqui toda a descrição da cena de estupro da protagonista, mas a partir dessa, podemos ter uma ideia do grau de violência empregado. Importa destacar que Pedro comete tal ato ameaçando a vida da personagem, pois traz consigo uma arma branca, uma faca. A faca não só representa a ameaça contra a vida, mas contém em si uma simbologia fálica pelo seu formato pontiagudo. Além disso, tal leitura é corroborada pela presença do algarismo arábico “1” no corpo do texto, posto que ele remete à lâmina e formato da faca. Desse modo, Pedro está munido de dois instrumentos capazes de infligir dor: a arma e o pênis. Ambos se complementam.

O estupro funciona, na narrativa, como um exemplo de prática disciplinar contra o corpo e subjetividade femininas. O poder disciplinar, segundo Michel Foucault (2014), tem por objetivo o “adestramento” dos indivíduos, assujeitando-os a ordens e comportamentos que os tornem capazes de obediência e de transmissão dessa instância do poder, posto que é produtivo e dinâmico: “A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu

exercício” (Foucault, 2014, p. 167). A partir da leitura de Foucault, compreendemos que a violência de gênero é empregada como forma de consertar práticas “desajustadas”, ou seja, por meio da punição, o sujeito disciplinado seria capaz de se enquadrar dentro de determinado padrão.

O modo como a protagonista de Bei trai seu namorado – algo que deve ser levado também em consideração, posto que ela quebra uma espécie de pacto e isso causa um desconforto compreensível, embora não justifique os atos de violência –, demonstra um comportamento de liberdade que, mesmo diante de um contexto contemporâneo, é constantemente cerceado pelo machismo, fruto insólito do patriarcalismo. A liberdade sexual das mulheres ainda parece ameaçar e amedrontar os homens, de modo que a violência punitiva destes se volta contra elas como medidas regulatórias de comportamento.

YOUNG MUNGO E A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Publicado em 2022, *Young Mungo* é o segundo romance do autor escocês Douglas Stuart, cuja produção literária conta ainda com a publicação de *A história de Shuggie Bain*, em 2020, livro vencedor do Booker Prize. Em seu romance mais recente, Stuart narra a dramática trajetória de Mungo, durante parte de seus quinze anos de idade, quando sofre um episódio de abuso e violência sexual, tudo isso em meio a sua autodescoberta enquanto homossexual. O enredo do romance segue como descrito a seguir:

Young Mungo é narrado em terceira pessoa e conta a história de Mungo, um rapaz de quinze anos que vive na região suburbana – *East end* – de Glasgow. Sua história também gira em torno da violência sexual que sofre nessa idade. Mungo é estuprado por Saint Christopher e Gallowgate, dois homens que, a pedido de sua mãe, o levam para um fim de semana de acampamento em uma região afastada da cidade de Glasgow, à beira de um lago, distante também de qualquer vilarejo. O propósito desse acampamento era de que os homens ensinassem Mungo a fazer atividades e ter hábitos “masculinos”, tais como montar tendas, acender fogueiras, pescar, dentre outros. A motivação para isso consiste na descoberta de um relacionamento que Mungo vinha alimentando com James, um rapaz de dezesseis anos que vive na casa por trás de seu quintal. Ambos desenvolvem um sólido relacionamento que vai além da esfera de simples amizade.

Certa manhã, o irmão de Mungo, Hamish — conhecido e temido na região por comandar uma gangue na periferia em que habitam — vai até a residência de James e o encontra acariciando Mungo no quintal. Hamish, enfurecido, agride James e literalmente arrasta Mungo de volta para casa. Inconformado com a possibilidade de seu irmão ser *gay* e estar se relacionando com um garoto, pensa em um modo de resolver o “problema”. Sua mãe, então, conhece esses dois homens em uma reunião dos Alcoólicos Anônimos e, desabafando sobre a questão de Mungo, os “sensibiliza” a levar seu filho nesse acampamento. Vale ressaltar que os dois homens já têm passagem pela polícia por casos de assédio sexual e estupro de menores e vulneráveis. Sabemos disso ao longo das interações entre eles e Mungo.

Depois que é violentado sexualmente, Mungo reage e planeja a morte dos dois homens. Depois que o faz, volta para casa com uma sensação de vazio, de modo que nem se importa mais tanto assim em rever os familiares. Quando chega à cidade, passa pela rua em que sua mãe trabalha em um trailer de cachorro-quente e seus irmãos estão lá, juntamente com a polícia, que já havia sido chamada após a demora em Mungo voltar para casa. Com frieza, ele cumprimenta os familiares que não lhe demonstram quase nenhum afeto, com exceção de Jodie, sua irmã. A história termina com Mungo vendo James do outro lado da rodovia com bagagens ao seu lado, esperando um ônibus.

Para compreendermos as motivações do estupro de Mungo, faz-se necessário delinear o contexto no qual o personagem foi criado e se desenvolveu enquanto sujeito. O *East End* de Glasgow é descrito no romance como uma região periférica na qual a população vive em *housing schemes*, que são edifícios subsidiados pelo governo para realocar famílias de classe operária que antes viviam em *tenements* – outra espécie de conjuntos residenciais que se tornaram insalubres devido à falta de condições sanitárias. Muitos *schemes*, em Glasgow, se encontram hoje abandonados ou sob custódia do crime e da cultura de gangues. Mungo habita esse cenário e tal ambiente tem um papel crucial na sua constituição enquanto sujeito.

Percebemos, logo que somos apresentados ao ambiente residencial do protagonista e seus familiares, que se trata de um lugar em que se dá notória importância à masculinidade e sua construção e manutenção. Personagem importante nesse aspecto é Hamish, irmão mais velho de Mungo. O rapaz é responsável por liderar uma gangue de rapazes na região em que vive. A cultura de gangues, a qual mencionamos acima, faz parte do arcabouço social da narrativa de Douglas Stuart. De acordo com McLean e Holligan (2018, p. 5, tradução nossa):

[...] gangues na Escócia são grupos recreacionais de jovens localizados em bairros de classe operária cujo capital social é problemático. Esses grupos são formados à medida em que jovens adolescentes socializam uns com os outros em áreas públicas dentro de seus conjuntos habitacionais. [...]

Ocasionalmente esses grupos se envolvem em violência territorial com grupos de formação similar de conjuntos habitacionais próximos, e seus membros podem cometer individualmente infrações mais graves.³

A dinâmica das gangues não só permite uma a socialização dos meninos e rapazes locais como também contribui para sua formação identitária. Elas funcionam como verdadeiras *casas dos homens*, nas quais formas de masculinidade são forjadas, especialmente pela violência. A *casa dos homens* é, para Welzer-Lang (2001), o ambiente monossexual dos grupos masculinos no qual imperam regras, leis e códigos de conduta que, promovendo os relacionamentos homossociais, estabelecem bases para a construção de masculinidades. Tal construção, dentro da *casa dos homens* se dá comumente por relações de violência, primeiro contra o outro, depois contra si mesmo, como uma espécie de autocobrança e punição para o enquadramento em um padrão aceitável do “ser homem”. A violência, segundo McLean e Holligan (2018) é uma característica das gangues em questão, de modo que isso é verificado no romance.

Em certo ponto da narrativa, a gangue liderada por Hamish enfrenta uma gangue de outra região de Glasgow. Como forma de moldar a personalidade e masculinidade de Mungo, seu irmão o intima a participar desse confronto, ao que Mungo se vê sem chances de escapar. Enquanto a gangue se prepara para lutar contra os garotos do Royston, Mungo se une aos demais rapazes e inspira o seguinte comentário de um deles: “Achei que você fosse decepcionar o nome da família. Virar a porra de uma bicha” (Stuart, 2022, p. 322, tradução nossa).⁴ Depois, a narração prossegue assim:

Mungo fez o possível para se erguer em toda sua altura. Ele sabia que não importava o que ele diria a seguir, importava apenas como ele diria. “Ei. Cara de merda. Se você gosta dessas estacas de madeira que chama de dentes, eu calaria a porra da boca.” O menino encapuzado havia chegado muito perto da verdade. Mungo rolou o tijolo na mão enquanto seu medo se transformava em adrenalina. Ele sentiu a aprovação de Ha-Ha em algum lugar sobre o mar de guerreiros e, um por um, os meninos se afastaram dele (Stuart, 2022, p. 322, tradução nossa).⁵

³ “[...] gangs in Scotland are recreational youth groups located in working-class neighborhoods whose social capital is problematic. These groups are formed as young teenagers socialize with one another in areas of public space within their housing estate. (...) Occasionally these groups engage in territorial violence with groups of a similar makeup from nearby housing estates and their members may individually commit more serious offences” (Mc Lean and Holligan, 2018, p. 5).

⁴ “Ah thought ye were gonnae let the family name doon. Turn out to be a fuckin’ bender” (Stuart, 2022, p. 322).

⁵ “Mungo did his best to pull himself up to his full height. He knew that it didn’t matter what he said next, it only mattered how he said it. “Haw. Fuckface. If ye like they wooden pegs ye call teeth ah’d shut yer fuckin’ mouth”. The hooded boy had come too close to the truth. Mungo rolled the brick in his hand as his fear turned to adrenaline. He sensed Ha-Ha nod approval somewhere over the sea of warriors and one by one, the boys turned away from him” (Stuart, 2022, p. 322).

A partir do trecho citado, destacamos o comportamento do protagonista. Mungo é um rapaz dócil e mesmo acuado que não consegue se expressar de forma assertiva ou violenta. Contudo, o que notamos em sua interação com um dos meninos da gangue é uma postura defensiva de sua própria honra. Tal posicionamento denota uma característica de formas de masculinidade forjadas pela violência: a defesa da honra. Se Mungo apenas aceitasse ser insultado sem esboçar qualquer reação, provavelmente seria motivo de humilhação para ele e seu irmão mais velho, líder daquele grupo.

A postura assumida por Mungo o permite ser acolhido pelos rapazes da gangue, ou seja, permite que o enxerguem como igual, tão homem quanto eles. A aprovação de Hamish é crucial nesse momento, pois, corrobora para que não enxerguem Mungo como homossexual, algo que ele tenta disfarçar naquele contexto. Além disso, o que enxergamos no comportamento de Mungo é uma performance de masculinidade hegemônica, que segue um determinado padrão de aceitação. Para Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica refere-se a um conjunto de práticas sociais masculinas que constituem um padrão e um formato específico de manifestação da masculinidade dentro de um determinado contexto social e cultural, posto que as compreensões de masculinidade são distintas e variam a depender da época e local.

Se existem formas hegemônicas de masculinidade, então existem formas também subalternas. Hamish se coloca como modelo de homem a quem Mungo deve estabelecer como referência, dado seu comportamento e postura como chefe da gangue. Quando o protagonista se impõe de forma violenta na *casa dos homens* (Welzer-Lang, 2001), consegue a aprovação de Hamish. No entanto, isso não dura por muito tempo, posto que, após a noite do conflito entre as gangues, seu irmão flagra, na manhã seguinte, Mungo e um rapaz por quem se apaixonara – James – no quintal deste. Enquanto procurava por Mungo, seu irmão o vê sendo acariciado por James e isso o fere de tal modo, que o leva a agredir o rapaz e arrastar Mungo para casa.

Por causa dessa descoberta, a família delibera o que fazer para “consertar” o protagonista e é nesse intuito que sua mãe, em uma reunião dos Alcoólicos Anônimos, desabafa sobre a situação de Mungo com dois homens desconhecidos que se oferecem para levar o rapaz em uma excursão no fim de semana, na qual eles iriam ensinar Mungo a fazer “coisas de homem”. Nessa desventura, o rapaz é abusado e estuprado pelos dois homens. Não discutiremos as cenas de estupro do protagonista, mas destacamos que toda a motivação para o que lhe ocorre parte da homofobia resultante de um modelo hegemônico de masculinidade dentro do qual Mungo não se encaixa.

O QUE RESTA APÓS A VIOLÊNCIA?

A partir das breves considerações traçadas acerca dos dois romances, notamos que a violência pode atingir tanto mulheres quanto homens. Quanto a estes, tornam-se vítimas mais facilmente quando não se enquadram dentro de determinado padrão de comportamento esperado. Os pares masculinos são vigias uns dos outros, aprovando ou reprovando as condutas que são masculinas ou não. Do mesmo modo, buscam regular os corpos femininos para que não excedam os limites impostos pelo machismo e falocentrismo que ainda interferem nas bases das relações de gênero contemporâneas.

Uma forma de exercer essa regulação dos corpos é pela punição agressiva e violenta. A personagem de Aline Bei é estuprada pelo ex-namorado como forma de punição pela traição, de modo que, assim, encontra um meio de limpar a honra masculina manchada. Mungo é estuprado pelos dois homens desconhecidos também como uma forma de punição por ser homossexual e não atender aos padrões hegemônicos de masculinidade estabelecidos pela figura de autoridade representada em seu irmão mais velho.

Em ambos os casos, a experiência da violência é traumática: a protagonista de Bei (2017) precisa lidar com uma criança, fruto do estupro, e por quem não consegue nutrir afeto. Tal problemática acompanha-lhe até o fim de sua vida, uma não-vida, posto que a personagem subsiste solitária e depressiva, recordando constantemente a memória do trauma. O episódio da violência que sofrera na adolescência a acompanha até seus últimos dias, de modo que, por mais que tente lutar contra tais memórias, não é capaz. Butler (2020) afirma que a sujeição se dá por meio daquilo que tentamos nos opor, no entanto, tal oposição é desafiadora, uma vez que aquilo a que estamos sujeitos faz parte da nossa constituição, o que nos torna sujeitos.

Mungo busca lidar com o trauma do estupro a partir da própria violência. Do mesmo modo que, dentro da gangue, ele consegue assumir uma postura agressiva para ser aceito entre os rapazes, ele reúne forças e estrategicamente assassina os dois estupradores. Ao fazer isso, ele lida com o trauma e personifica comportamentos hegemônicos de masculinidade associados à responsividade violenta contra a violência. Deste modo, compreendemos que para esses sujeitos, além do trauma, resta-lhes a violência como componente de suas sujeições. À medida que tentam repelir a violência, ela vem à tona, seja na memória, seja em ações.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eronides Câmara de. *Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor*. Curitiba: Appris, 2016.
- BEI, Aline. *O Peso do Pássaro Morto*. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- CONNELL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas* [online], v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/>. Acesso em 18 de outubro de 2022.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GOMES, Carlos Magno. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. *Revista Estudos Feministas* [online]. v. 22, n. 3, p. 781–794, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/mGcGqD7dyg3YsRGrXhJJGSj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 26 de novembro de 2022
- MC LEAN, Robert; HOLLIGAN, Chris. The Semiotics of the Evolving Gang Masculinity in Glasgow. *Social Sciences*, 7, p. 125, 2018. ISSN 2076-0760. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/196576460>. Acesso em 20 de junho de 2023.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *cadernos pagu* (16) 2001: pp.115-136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkL/>. Acesso em 13 de março de 2023.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men: English literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.
- STUART, Douglas. *Young Mungo*. London: Picador, 2022.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, ano 9. Nº2, p. 461-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 18 de maio de 2023.
- ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Editora Appris, 2018.

